

SIMMEL, Georg, O conflito como sociação.  
(Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury).  
*RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da  
Emoção*, v. 10, n. 30, pp. 568-573. ISSN 1676-  
8965. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

## O Conflito como Sociação<sup>1</sup>

*Georg Simmel*

(Traduzido por *Mauro Guilherme Pinheiro Koury*)

O significado sociológico do conflito (*Kampf*), em princípio, nunca foi contestado. Conflito é admitido por causar ou modificar grupos de interesse, unificações, organizações. Por outro lado, pode parecer paradoxal na visão comum se alguém pergunta se independentemente de quaisquer fenômenos que resultam de condenar ou que a acompanham, o conflito é uma forma de sociação. À primeira vista, isso soa como uma pergunta retórica. Se todas as interações entre os homens é uma sociação, o conflito, - afinal uma das interações mais vivas, que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo sozinho, - deve certamente ser considerado como sociação. E, de fato, os fatores de dissociação - ódio, inveja, necessidade, desejo, - são as causas da condenação, que irrompe por causa deles. Conflito é, portanto, destinado a resolver dualismos divergentes, é uma maneira de conseguir algum tipo de unidade, mesmo que seja através da aniquilação de uma das partes em litígio. Isto é aproximadamente

---

<sup>1</sup> Traduzido do inglês de: SIMMEL, Georg. (1964), *Conflict*. (Translation by Kurt H. Wolff). Nova York: The Free Press, pp. 13 a 17

paralelo ao fato de que ele é o sintoma mais violento de uma doença que representa o esforço do organismo para se libertar de distúrbios e danos causados por eles.

Mas este fenômeno significa muito mais do que o trivial “*vis pacem si para bellum*” [se você quer paz, se prepare para a guerra], é algo bastante geral, de que essa máxima só descreve um caso especial. É próprio do conflito resolver a tensão entre contrastes. O fato de que visa a paz é apenas um dos possíveis contrastes, uma expressão especialmente óbvia, de sua natureza: a síntese de elementos que trabalham tanto contra e um para o outro. Essa natureza aparece mais claramente quando se percebe que ambas as formas de relação - a antitética e a convergente - são fundamentalmente distintas da mera indiferença de dois ou mais indivíduos ou grupos. Se isso implica a rejeição ou a rescisão de sociação, a indiferença é puramente negativa. Em contraste com tal negatividade pura, o conflito contém algo positivo. Seus aspectos positivos e negativos, no entanto, estão integrados: podem ser separados conceitualmente, porém não empiricamente.

### **A relevância sociológica do conflito**

Os fenômenos sociais aparecem sob uma nova luz quando visto sob o ângulo do caráter sociologicamente positivo do conflito. É evidente que se as relações entre os homens (e não o que o indivíduo é para si mesmo e em suas relações com objetos) constituem o objeto de uma ciência especial, a Sociologia, então, os temas tradicionais desta ciência cobrem apenas uma subdivisão deste objeto principal: é mais abrangente e é verdadeiramente definido por um princípio. Por um lado isto aparece como se houvesse apenas dois objetos consistentes da ciência do homem: o da unidade individual e o da unidade dos indivíduos (sociedade), qualquer outra temática parecia logicamente excluída. Nesta concepção, o conflito em si - independentemente de suas contribuições para estas

unidades sociais imediatas, - não encontra nenhum lugar. Ele é um fenômeno em-si, e sua subsunção sob o conceito de unidade é arbitrária bem como inútil, já que o conflito significa a negação da unidade.

A classificação mais abrangente da ciência das relações humanas deve distinguir, ao que parece, as relações que constituem uma unidade, isto é, as relações sociais, no sentido estrito, daquelas que neutralizam a unidade. Deve ser percebido, no entanto, que ambas as relações podem geralmente encontrar conflito em cada situação histórica concreta. O indivíduo não atinge a unidade de sua personalidade exclusivamente por uma harmonização exaustiva, de acordo com as normas da lógica, objetivas, religiosas ou éticas, do conteúdo de sua personalidade. Ao contrário, contradição e o conflito não apenas precedem esta unidade, mas são nele operativos a cada momento de sua existência. Da mesma forma, não existe provavelmente nenhuma unidade social onde as correntes convergentes e divergentes entre os seus membros não estejam inseparavelmente entrelaçadas. Um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso, uma pura “unificação” (“Vereinigung”), não só se apresenta como empiricamente irreal, como não representa nenhum processo concreto da vida. A sociedade de santos que Dante descreve no *Rose des Paradises* pode ser vista como semelhante a esse grupo, sem qualquer mudança e desenvolvimento; enquanto que, na *Disputa* de Rafael, a santa assembléia dos padres da Igreja mostra, se não o conflito efetivo, pelo menos, uma diferenciação considerável de humores e direções do pensamento, de onde flui toda a vitalidade e a real estrutura orgânica desse grupo. Assim como o universo precisa de “amor e ódio”, isto é, de forças atrativas e repulsivas, a fim de dispor de qualquer forma, do mesmo modo, a sociedade, também, para atingir uma forma determinada, precisa de alguma razão quantitativa de harmonia e desarmonia, de

associação e de concorrência, de tendências favoráveis e desfavoráveis. Mas estas discórdias não são meros instrumentos sociológicos passivos ou instâncias negativas. Definitivamente, a sociedade não resulta apenas de forças sociais que lhes são positivas, e apenas na medida em que fatores negativos não as impeçam. Esta concepção comum é bastante superficial: a sociedade, tal como a conhecemos, é o resultado de ambas categorias de interação, que assim se manifestam como inteiramente positivas<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Esta é a instância sociológica de um contraste entre duas concepções muito mais gerais da vida. De acordo com a visão comum, a vida sempre mostra duas partes em oposição. Uma delas representa o aspecto positivo da vida, o seu conteúdo próprio, se não a sua substância, enquanto o sentido da outra é o não-ser, que deve ser subtraído dos elementos positivos antes que eles possam constituir vida. Este é o senso comum da relação entre a felicidade e o sofrimento, entre a virtude e o vício, entre a força e a inadequação, entre o sucesso e o fracasso, e entre todos os conteúdos possíveis e interrupções do curso da vida. A concepção mais elevada indicada em relação a estes pares contrastantes me parece, contudo, diferente: temos de conceber todas essas diferenciações polares como diferenciações de *uma* vida; é preciso sentir o pulso de uma vitalidade central, mesmo no que, se visto do ponto de vista de um determinado ideal, não deveria estar presente em tudo e é apenas algo negativo; devemos permitir que o significado total de nossa existência cresça fora de *ambas* as partes. No contexto mais abrangente da vida, mesmo aquilo que aparece como um simples elemento é perturbador e destrutivo, é integralmente positivo, não é uma lacuna, mas o cumprimento de um papel reservado para ele por si só mas não é uma lacuna, mas, apenas, o cumprimento de um papel reservado para ela. Talvez não nos seja dado atingir, muito menos manter, a altura a partir da qual todos os fenômenos podem ser sentidos como que compoem a unidade da vida, embora a partir de um ponto de vista objetivo ou de valor, eles parecem se opor uns aos outros como prós e contras, como contradições e eliminação mútua. Estamos muito

## Unidade e Discórdia

Há um mal-entendido, segundo a qual um destes dois tipos de interação derruba o que outros construíram, e o que eventualmente fica em pé é o resultado da subtração dos dois (quando na realidade deve ser designado como o resultado de sua adição). Este equívoco provavelmente deriva do duplo significado do conceito de unidade. Designa-se como “unidade” o consenso e concórdia dos indivíduos em interação, em oposição as suas discórdias, separações e desarmonias. Mas também se chama “unidade” ao total do grupo-síntese de pessoas, energias e formas, ou seja, a totalidade última desse grupo, uma totalidade que abrange tanto as relações estritamente unitárias de fala e as relações duais. Tem-se, portanto, de

---

inclinados a pensar e sentir que a nossa essência, a nossa importância, a nossa verdade final, são idênticas a uma dessas facções. De acordo com o nosso sentimento otimista ou pessimista da vida, uma delas aparece como aparência ou como acidente, como algo a ser eliminado ou subtraído, para a verdadeira e intrinsecamente consistente vida a surgir. Estamos completamente enredados nesse dualismo, no mais íntimo quanto nas divisões mais abrangentes da vida, pessoal, objetiva e social. Achamos que somos um todo ou uma unidade composta por duas lógica e objetiva partes que se opõem, e identificamos essa totalidade da nossa com uma delas, enquanto sentimos a outra como algo estranho que não nos pertence e que nega o nosso ser central e abrangente. A vida se move constantemente entre essas duas tendências. A *primeira* acaba de ser descrita. A outra permite que o conjunto *seja* realmente o todo. Isto faz a unidade, que, afinal, é composta por duas oposições, ativas em cada um desses contrastes e na sua junção. Isto é o necessário para fazer valer o direito desta segunda tendência, no que diz respeito ao fenômeno sociológico do conflito, porque o conflito impressiona a todos nós com sua força socialmente destrutiva e com uma habilidade aparentemente indiscutível.

explicar o fenômeno de grupo que sentimos ser “unitário” em termos de componentes funcionais considerados *especificamente* unitários; e assim fazendo, desconsiderar os outros significados maiores do termo.

Esta imprecisão é aumentada pelo duplo significado correspondente da “discórdia” ou “oposição”. Uma vez que a discórdia desdobra seu caráter negativo e destrutivo entre os indivíduos em particular, ingenuamente se conclui que ela deve ter o mesmo efeito sobre o grupo total. Na realidade, porém, algo que é negativo e prejudicial entre os indivíduos, se for considerado isoladamente e com objetivo particular, não tem necessariamente o mesmo efeito na relação total desses indivíduos. Pois, um quadro muito diferente emerge quando se vê o conflito em conjunto com outras interações não afetadas por ele. Os elementos negativos e dualistas desempenham um papel inteiramente positivo nesse quadro mais abrangente, apesar da destruição que pode desenvolver sobre as relações particulares. Tudo isso é muito óbvio na competição de indivíduos no interior de uma unidade econômica.

(Tradução de: *Mauro Guilherme Pinheiro Koury*)

